

Linguagem, pensamento e realidade: narrativas e *prudentia*

Joice Aparecida de Souza Pinto¹

Resumo: Este artigo discute as relações entre linguagem, pensamento e realidade, considerando-se que as narrativas são primordiais para se estabelecer enriquecimento cognitivo e reflexivo a partir dos enredos, sejam orientais ou ocidentais, relacionando-os à virtude da *prudentia* e em nossas escolhas quotidianas.

Palavras Chave: linguagem. pensamento. realidade. narrativas. prudência.

Abstract: This paper discusses the relationship between language, thought and reality, considering the importance of narratives (either Eastern or Western narratives) to improve knowledge and reflections, relating them to *prudentia* and to our everyday choices.

Keywords: language. thought. reality. narratives. *prudentia*.

Introdução

A relação entre linguagem, pensamento e realidade envolve a maneira como o homem percebe o mundo e está vinculada às inúmeras possibilidades interpretativas a partir das narrativas que são articuladas através das linguagens, sejam oral ou escrita; estão presentes nos mitos, nos contos, nas lendas, nas fábulas, nos provérbios, nas parábolas, na epopeia – são os *amthal*².

A narrativa está tão presente quanto a própria vida, e o narrador tem o poder de engendrar mensagens a partir do enredo, personagens, tempo, espaço, ambiente, linguagem etc, e passa a ter papel importante dentro de nossas articulações mentais e as aplicamos – de modo consciente ou não – a nosso modo de agir e a nossas tomadas de decisões: classicamente para a “virtude da prudência”, que conforme Tomás de Aquino (2014, p.4) é a virtude da decisão correta, “a reta razão aplicada ao agir”.

A *prudentia*, no sentido clássico (e não no atual, empobrecido de inibidora cautela) é o processo pessoal de bem decidir, difícil porque envolve “mistério e liberdade”... Afirmar a *prudentia* é conceber que cada pessoa é protagonista de sua vida, responsável por suas decisões e por buscar meios para atingir seu fim – meios que pertencem ao particular, à incerteza e à insegurança que faz parte da vida humana.

Linguagem, pensamento e realidade.

É problemático tentar definir a linguagem, há vários estudos e inúmeras abordagens, porém sabemos que é uma função inata, transmitida geneticamente e própria da espécie humana, conforme Chomski (1983 apud FIORIN, 2010, p. 15); refere-se à competência e desempenho linguístico. A primeira está relacionada ao conhecimento do sistema linguístico, ou seja, o conjunto de regras construído na mente

¹ Mestranda em Educação pela UMESp. Especialista em Língua e Literatura pela UMESp (2007) e Linguística pela Unicamp - IEL (2014). Professora efetiva da SEE-SP e do Ensino Superior.

² Adiantamos, desde já, que a tradução do conceito árabe de *mathal* (plural: *amthal*) , pode ser aproximada pelos nossos provérbios, comparações, parábolas, contos, etc.

do falante; o segundo, não depende somente da competência linguística, mas também, de fatores que estão condicionados às convenções sociais, crenças, atitudes etc.

A linguagem está imbricada no processo de civilização humana, é estimulada através do meio em que se vive e em interação dinâmica com o pensamento. Lauand (2004, p. 15) deixa claro que “O pensamento e a vida dependem da linguagem muito mais do que à primeira vista supomos. A forma viva da palavra não só transmite, mas até produz e preserva, em interação dinâmica, o que pensamos e sentimos. Sem a palavra nossa percepção da realidade é confusa e nem mesmo chega a ocorrer”.

Linguagem, pensamento e realidade, como elemento metodológico principal na articulação entre método e filosofar³, são estudados por Lauand (2004) a partir do pensamento de Josef Pieper, esclarecendo que o filosofar parte da experiência que o homem tem consigo mesmo e com o mundo, o que envolve nossas experiências, embora “não permanecem na consciência reflexiva com toda sua riqueza, nos escapam e se transformam inconscientemente em instituições, modos de agir e linguagem” (LAUAND, 2004, p. 8)

Outro fator peculiar é a *Linguagem Comum* – na perspectiva pieperiana considerada um campo privilegiado onde se manifesta (e também se esconde...) a realidade, nos proporcionando inúmeras possibilidades de reflexões sobre vários aspectos e conceitos inerentes às situações do cotidiano. Lauand (2016, p. 217) afirma que “quando a filosofia volta-se para a linguagem comum, não está praticando um procedimento periférico, mas atingindo algo muito mais essencial, pertencente ao próprio núcleo da reflexão filosófica”.

São nas palavras mais simples que podemos encontrar as mais belas mensagens e significações da realidade, pois o pensamento se concretiza a partir da linguagem (a etimologia das palavras, os usos, as sutilezas semânticas etc.) e da materialidade linguística, pois a linguagem comum é lugar privilegiado, no qual se manifesta a realidade.

A preocupação pela etimologia já era vigorosa no pensamento medieval, quando S. Isidoro de Sevilha escreveu, aproximadamente nos anos 600, a primeira enciclopédia da história. Conforme Lauand (IBIDEM) “Lá se diz que, sem a etimologia, não se conhece a realidade e, com ela, mais rapidamente atinamos com a forma expressiva das palavras”.

Entretanto, a decodificação de determinada palavra, que se manifesta através da linguagem viva, quando inserida em um enunciado, torna-se complexa e passível de inúmeras interpretações, assim como revela pode esconder a realidade.

A averiguação do que é verdadeiramente pensado na linguagem viva dos homens não pode, em caso algum, ser considerado tarefa fácil [...] É quase impossível esgotar e circunscrever de modo preciso a significação plena, principalmente das palavras fundamentais [...] Cada indivíduo, ao utilizar de modo espontâneo as palavras, costuma exprimir com elas mais do que realmente diz conscientemente. (PIEPER, 1981 apud LAUAND, 1987, p. 49).

Sobre a linguagem viva, Pieper (1997b, p. 65), no capítulo *Esperança e Destino Humano*, adverte, a propósito da busca do sentido próprio em relação à totalidade da existência, atitude humana fundamental que denominamos de esperança,

³ Conforme Pieper (2014, p. 19), “Filosofar é a forma mais pura do *theorein*, do *speculari*, do puro olhar receptivo sobre a realidade.

que “a linguagem viva, essa que nós mesmos falamos e ouvimos todos os dias – encerra em si informações muito mais profundas e precisas do que o que nós comumente sabemos, do que pensamos que sabemos; se bem que, a rigor, sim o sabemos”.

Outro problema, no que se refere à interpretação da linguagem é a possibilidade de não captar o “não dito”, pois aquilo que é evidente não se fala – subentende-se, passa-se por compreendido e, neste caso, o óbvio pode não ser dito, que nos direciona para o problema da real dificuldade de interpretação.

Destarte, Marcondes (2011) nos apresenta dois grandes conjuntos de problemas em torno dos quais se desenvolvem a discussão teórica e filosófica sobre a linguagem:

O primeiro diz respeito à relação entre a linguagem e a mente, ou o pensamento. A linguagem é sempre uma expressão do pensamento, previamente constituído que se manifesta, se explicita linguisticamente? Será, por sua vez, a linguagem uma forma de compreender o pensamento, de ter acesso a ele? [...] O segundo conjunto de problemas consiste em considerar a linguagem enquanto usada na comunicação. (p. 10-11).

Sobre a relação entre linguagem e pensamento, Lauand (2015, p. 46) adverte que “o alcance do pensamento condiciona-se pela linguagem. Não só pelo maior ou menor número e profundidade de conceitos e potencial expressivo dos vocábulos, mas, sobretudo, pelas estruturas peculiares de cada língua ou famílias de línguas”.

Algumas características de uma língua ultrapassam o limite unicamente da comunicação e influencia na maneira de ver e interpretar o mundo, Lauand (1997a) aborda o *sistema língua/pensamento*, que no caso do grego é denominado *logos* e, no caso do árabe, *ma'na*, explica que “o conceito *ma'na* ‘intencionalidade’ – é tão característico da forma árabe de pensamento, como o é a noção específica do termo grego *logos*, em sua concepção original, para a forma de pensamento do grego clássico”.(IBIDEM, p. 33).

Assim, temos uma relação direta com o fato gramatical/mental que fundamenta o conceito de Lohmann de língua/pensamento, que acontece a partir das particularidades do verbo ser. Ao contrário do árabe, no centro semântico do sistema grego, “encontra-se o verbo *esti* (ser), que, segundo Aristóteles, está implicitamente contido em qualquer outro verbo”.(IBIDEM, p. 35).

Na estrutura gramatical ocidental, pressupõe-se que toda frase é um enunciado completo, unidade mínima da comunicação, podendo se constituir de uma só palavra, de várias palavras, com verbo ou sem verbo. No caso, a frase pode conter uma ou mais orações, mas, para isso, dependerá das formas verbais integrantes. Se pensarmos em orações com predicado nominal, são formadas por um verbo de ligação, que pode expressar estado permanente, transitório, mudança de estado e aparência de estado.

Neste caso, Cunha; Cintra (2007, p. 147), afirmam que “os verbos de ligação ou copulativos servem para estabelecer a união entre duas palavras ou expressões de caráter nominal”, evidenciamos o verbo “ser”.

Paralelamente, Lohmann (1976) adverte que há três tipos de línguas ou expressões linguísticas. Primeiro, o tipo de predicação explícita com o verbo *esti* (ser) como da frase; segundo, o tipo simples de constatação com dois verbos de existência,

“há tal...” e “não há tal...”; e o terceiro, relacionado à forma “intencional” que ocorre no semítico, particularmente no árabe. O autor esclarece que:

Dentro do primeiro tipo há duas variantes (1a e 1b) representadas, respectivamente, pelo grego antigo e pelo europeu moderno – notadamente pelo inglês atual. Esta última variante é caracterizada por um distanciamento entre a palavra e seu objeto (correspondente atitude do subjetivismo moderno, em que se distanciam “subjetividade” e “objetividade”). Já a forma *logos* de pensamento grego apresenta uma identificação ou isomorfia na articulação do discurso e seu objeto. Esta concepção – a consciência de uma isomorfia na formulação de uma relação com a coisa conhecida – foi a base da invenção do método matemático pelos gregos – método cujo princípio fundamental é justamente uma identidade absoluta entre fórmula e coisa formulada. (LOHMANN, 1976, p. 32).

E Lauand (1997a, p. 35) comenta que para o árabe “onde sequer existe o verbo ser como verbo de ligação – é muito mais frequente e natural a frase nominal do que para o ocidental que, nesses casos, pressupõe implícito o verbo ser”.

Essa particularidade está presente em alguns contextos de enunciação entre os ocidentais, que se aproximam da estrutura linguística e da forma de pensamento árabe e atrelam-se ao uso de certos provérbios (*amthal*), como por exemplo: “Cada macaco no seu galho” assim subentende-se a presença do verbo ser/estar, mesmo implícito, e os ocidentais são induzidos a pensar na presença do verbo ser/estar em “Cada macaco deve estar no seu galho”. Lauand (IBIDEM, p. 36) nos assegura que:

Se o emprego da frase nominal para o ocidental pretende expressar algum tipo de ênfase peculiar, já o árabe, ao empregar a frase de forma nominal está se aproximando de forma espontânea, condizente com sua postura de vida, com seu espírito essencialmente poético.

Entretanto, (LOHMANN, 1976, p. 33) esclarece que para entendermos o que se passou é preciso “recorrer à origem e à raiz de duas formas opostas de pensamento, fundamentadas, cada uma delas a um tipo específico de língua: o indo-europeu e o semítico, que se encontram, então, para engendrar uma nova forma de pensamento, da qual procede, em linha reta, nosso mundo de hoje”.

Relacionando com o Oriente, temos a importância da pedagogia do *mathal*, na qual a linguagem se volta para o concreto, conforme lembra Paul Auvray (1959 apud Lauand, 1997a, p. 51), falando das línguas semitas: “[nelas] são poucas as palavras verdadeiramente abstratas, contrariamente do que ocorre no Ocidente, cuja estrutura da linguagem e do pensamento manifesta-se, predominantemente, por meio abstrato”.

A complexidade da linguagem nos direciona, também, ao *pensamento confundente*, conceito de Julián Marías e Ortega y Gasset⁴ que estabelecem relações entre os *amthal*. Importante ressaltar que “confundir é uma função tão necessária quanto distinguir, porque permite descobrir as conexões entre realidades que, por outro lado, é necessário distinguir [...]”, relações ambíguas que estão presentes na

⁴ MARÍAS, J. (1988 in LAUAND, s.d.) **Os *amthal* e a cultura árabe**. Disponível em: <http://www.hottopos.com.br/collat5/amthal.htm> - acesso em 08/02/2016.

linguagem. É natural entendê-lo como potencial muito amplo, que extrapola o comum e possibilita inúmeros significados para a mesma enunciação.

Se confrontarmos a língua oriental com a ocidental, a própria palavra *mathal* condensa em única palavra vários conceitos, embora categorize todos os gêneros da narrativa, como: provérbio, parábola, provérbios, anedóctas, conto, metáfora etc.

Quanto às narrativas, que denominamos *amthal*, fazem parte da vida e do cotidiano, nos proporcionam questionamentos, reflexões, e relacionam-se à *prudencia*⁵, podendo estar imbricadas com nossas escolhas e tomadas de decisões, que podem ser para o bem ou para o mal, mas que, de qualquer forma, farão parte da nossa vida, pois conforme Lauand; Pinto (2015, p.109-110):

Tomar uma decisão não é tarefa daquilo que se chama classicamente “razão prática”; não a razão que demonstra teoremas e articula enunciados abstratos, mas a razão que se volta para o ‘aqui e agora’ e exige de mim uma dentre as diversas possibilidades concretas do agir, neste caso: daí que a clássica virtude da boa decisão, a *prudencia*, seja caracterizada como *recta ratio (orthos logos) agibilium*, a reta razão para a ação. (Claro que os *amthal* podem se prestar para a manipulação ideológica, as distorções, a uma “*perversa – torta – ratio*”).

Portanto, considerando-se os elementos expostos, apresentaremos as relações entre os *amthal* e sua conexão com a *prudencia*, a partir da linguagem, do pensamento e da realidade.

***Amthal*: realidade e virtude da prudência**

As narrativas, aqui denominadas *amthal*, estão presentes por todo o mundo e são articuladas através das linguagens, pensamentos, relações sociais, históricas, culturais, entre outras e relacionadas às experiências e ao conhecimento de mundo ao longo da história, desde o início da humanidade.

A narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há parte alguma, povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homem de cultura diferente e mesmo que oposto [...]. (BARTHES, 1972, p. 19-20):

O prof. Sylvio Horta⁶ afirma que a experiência da vida é transmitida a partir de rituais, livros sapienciais, provérbios, fábulas etc, o que possibilita encontrar o novo e problematizá-lo, o que é fundamental para a vida, pois ao retornarmos às experiências de vida será possível evitarmos a perda de sentido da realidade que é a própria vida.

Ao mesmo tempo, os *amthal* são verdadeiros guias de vida. Temos na pedagogia árabe que a forma de pensamento está relacionada ao contar histórias, pois articulam entre o abstrato e o concreto e está diretamente entrelaçada com a própria

⁵ AQUINO, T. (2014, p. 4) [...] a prudência é a “reta razão aplicada ao agir”, ou seja, é algo próprio da razão prática. [...] “é própria do homem prudente o bom conselho”. Ora, o conselho diz respeito a como devemos agir para obter algum fim, o que, evidentemente, é da razão prática.

⁶ HORTA, Sylvio (1997 apud LAUAND, p. 101), *In.: Provérbios e Educação Moral – A Filosofia de Tomás de Aquino e a Pedagogia Árabe do Mathal*. São Paulo: Hottopos, 1997.

vida; e, mesmo que implicitamente, ao direcionamento das nossas escolhas, das tomadas de decisões e que essas sejam conduzidas pela prudência, que segundo Tomás de Aquino (2014, XVII) “Afirmar a prudência é afirmar que cada pessoa é protagonista de sua vida, só ela é responsável, em suas decisões livres, por encontrar os meios de atingir seu fim: sua realização”.

Conforme Abbagnano (2007, p. 947) a palavra “prudência” deriva do Latim *Prudentia*, in.: *Prudence*; fr. al. *Klugheit*; it.: *Prudenza* e está relacionada com “sabedoria” (IBIDEM p. 1021) “a disciplina racional das atividades humanas, comportamento racional de todos os domínios da virtude de determinar o que é bom e o que é mau para o homem”, assim não são as coisas afastadas da humanidade, o que é conhecido por *sapiência*, mas o conhecimento das ações humanas e a melhor maneira de conduzi-las.

Tomás de Aquino (2014, p. 3) nos adverte que “prudente (*prudens*) significa aquele que vê longe (*porro uidens*), pois tem visão mais aguda e antevê as possibilidades que podem ocorrer em situações contingentes”, essa percepção está intrinsecamente relacionada à visão do conhecimento, “não, porém, ao âmbito do conhecimento sensível, que só diz respeito àquilo que se apresenta aos sentidos. Pois o que é próprio da prudência – conhecer o futuro a partir do presente ou do passado – pertencente propriamente à razão”. (IBIDEM).

Entretantes, (LAUAND, 2014, VIII) apresenta que é necessário atentar para o significado da palavra *prudencia*, pois “é uma daquelas tantas palavras fundamentais que sofreram desastrosas transformações semânticas durante o passar do tempo”. Digressão evidente entre “prudente” e “prudência”, pois “prudência” já não designa grandes virtudes, mas sim a conhecida cautela ao tomar ou não decisões, podendo direcionar-se às situações ambíguas e egoístas, pois uma parte da *Prudentia* é ver a realidade e, com base nela, tomar a decisão certa e a outra parte, é transformar a realidade em decisão de ação, em comando: “de nada adianta saber o que é bom se não há a decisão de realizar esse bem...” (IBIDEM).

A questão da decisão é crucial, pois envolve a subjetividade e o olhar individual diante de cada ação ou situação, sabendo-se que a capacidade de ver e entender o real está vinculada às outras concepções de realidade, inclusive atrelada ao medo e as consequências de enfrentar o peso das decisões e, assim, Tomás em seu *Tratado da prudência* nos mostra que não há receitas de bem agir, porque a direção da vida é competência da própria pessoa e está relacionada aos acontecimentos que se instauram no “aqui e agora”.

Abordamos, também, a importância da *vis cogitativa*⁷ – “sentido interno” associado à razão, que transita entre dois polos: o particular e o universal e, seguidamente, a passagem de conhecimento sensível para o intelectual vigora com a impressão que se tem do sensível, realizado a partir de uma pré-abstração, denominada *collatio*.

Segundo Ramirez (op. cit. LAUAND, 1997a, p. 89) “pela *collatio*, a cogitativa volta-se para a massa informe das sensações, ordena-se e apresenta-as ao intelecto com o fim de descobrir a lei do princípio comum que as rege e que está neles latentes” e Tomás afirma que a experiência é resultado da comparação de muitos singulares retidos na memória.

⁷ É a cogitativa – sentido interno que participa da razão -, que Tomás atribui a importante função de intermediar a passagem do conhecimento sensível para o intelectual. E o faz agindo precisamente sobre a série de impressões sensíveis, realizando a pré-abstração: a *collatio* – ordenação, agrupamento e comparação dessas sensações, como que se preparando para abstração. (LAUAND, 1997).

Os *amthal* evidenciam as explicações anteriores, pois a cogitativa também se aplica às realidades concretas e a *collatio*, enquanto agrupamento, convida à abstração, nos trazem relatos do passado que se cristalizam no presente e que, provavelmente, se projetarão no futuro, o que é próprio da prudência: “conhecer o futuro a partir do presente ou do passado – pertence propriamente à razão, porque requer certa comparação de dados. Donde se conclui que a prudência reside na razão” (LAUAND, 2014, p. 3).

Relacionando a virtude da prudência com os *amthal*, destacamos que ambos fazem ponte entre o singular e o universal. Ilustraremos a partir da parábola O bom samaritano⁸: Lucas 10,25-27:

Levantou-se um doutor da lei e, para pô-lo à prova, perguntou: Mestre, que devo fazer para possuir vida eterna? Disse-lhe Jesus: Que está escrito na lei? Como é que lês? Respondeu ele: Amarás o Senhor teu Deus de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todas as tuas forças e de todo o teu pensamento; e a teu próximo como a ti mesmo.. Falou-lhe Jesus: Respondeste bem; faze isto e viverás. Mas ele, querendo justificar-se, perguntou a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus então contou:

- Um homem descia de Jerusalém e Jericó, e caiu nas mãos de ladrões, que o despojaram; e depois de o terem maltratado com muitos ferimentos, retiraram-se, deixando-o meio morto. Por acaso desceu pelo mesmo caminho um sacerdote, viu-o e passou adiante. Igualmente um levita, chegando àquele lugar, viu-o e passou também adiante. Mas um samaritano que viajava, chegando àquele lugar, viu-o e moveu-se de compaixão. Aproximando-se atou-lhe as feridas, deitando nelas azeite e vinho, colocou-o sobre a sua própria montaria e levou-a a uma hospedaria e tratou dele. No dia seguinte, tirou dois denários e deu-os ao hospedeiro, dizendo-lhe:

- Trata dele e, quando gastares a mais, na volta to pagarei. Qual destes três parece ter sido o próximo daquele que caiu nas mãos dos ladrões? Respondeu o doutor: Aquele que usou de misericórdia para com ele. Então Jesus lhe disse: Vai, e faze tu o mesmo. (LUCAS, 10,25-37)

Iniciamos nossa abordagem a partir a relação entre locutor e interlocutor, no caso, quando Jesus se utiliza da parábola para explicar ao doutor da lei, através de elementos concretos, a pergunta que lhe havia sido proferida: - “Quem é meu próximo?”.

Vale salientar que Lauand (2009, p. 27) esclarece que “na cultura semita – árabe, judaica, aramaica...-, a parábola, o provérbio, serve tanto para revelar como para ocultar algo”, neste caso, referimo-nos à virtude da prudência, embora saibamos que, conforme o autor, na mesma parábola “Lucas escreve que o intérprete começou a conversar com Jesus para colocá-lo à prova, não com a humildade de quem realmente aprender algo”, assim evidencia-se que “Jesus pretendia mais ocultar do que revelar as coisas do reino de Deus”. (IBIDEM).

Quanto à prudência, sabemos que se manifesta na simplicidade e são “estruturadas com exemplos concretos relacionados aos pensamentos, atitudes,

⁸ BIBLÍA SAGRADA, Edição Pastoral-Catequética, Ed. Ave- Maria. 123 ed. São Paulo: Edição Claretiana: 1999. Lucas 10.11 (=Mt 22,34-40 = Mc 12,28-34 p. 1362.

virtudes e decisões de cada um dos personagens ilustrados a partir da narrativa”. (PINTO, 2015, p. 96).

Entretanto, a parábola apresenta um acontecimento do passado que se consagra perfeitamente no presente, pois revela as atitudes humanas e, por espanto, muitas vezes nos surpreendemos com decisões de prudência daquele que seria o menos provável. Neste caso, verificaremos a decisão do *Samaritano* que, ao ver o homem quase morto, age com retidão, sensibilidade e razão.

Lauand (1997a) adverte que a *prudentia* – *virtude intelectual*, definida classicamente como a “reta razão do agir” – *recta ratio agibilium* – informa o bem agir, realizando uma ponte entre o abstrato e o concreto. Assim, a realidade transforma-se em experiência, podendo influenciar diretamente nas escolhas da vida. Porém, antes da realização do bem concreto é preciso conhecer a realidade, pois “o agir humano é bom e ordenado quando procede a verdade, que afinal de contas nada mais é que o vir-a-encarar a realidade” (IBIDEM, p. 83).

Quanto ao Samaritano, especificamente, percebemos a virtude da prudência, porque utiliza os meios (acontecimentos) para chegar ao fim. Segundo Aquino (2014, p.8) “E este é o papel da prudência: aplicar os princípios universais às conclusões particulares do âmbito do agir. E, assim, não compete à prudência indicar o fim das virtudes morais, mas somente lidar com os meios para atingir os fins”.

Desta forma, o Samaritano não se afastou da razão em decorrência das circunstância e não se distanciou do reto juízo, agindo com a razão, ou seja, uma virtude intelectual.

Considerando a breve análise, pode-se perceber que as inúmeras situações se relacionam com a nossa vida, que os acontecimentos do passados repetem-se no presente e necessitam de decisões precisas, são atemporais, transcendendo determinada época, são situações que fazem parte vida.

São inúmeras as narrativas que circulam pelo mundo, sejam orientais ou ocidentais, da mesma forma que a diversidade de análise vai depender muito do que se pretende atingir, qual o nível de conhecimento do leitor e qual a mensagem interpretada, seja ela oculta ou não. De qualquer forma, são riquezas relatadas através de palavras que poderiam despertar para um novo olhar sobre a realidade que nos cerca.

Sabemos que para todo texto há um leitor e uma possível interpretação, entretanto, não podemos evitar os *amthal* como parte importante (para o bem ou, eventualmente, para o mal) da formação de cada um: naturalmente, seu valor depende do valor que assumimos como parte do nosso cabedal de histórias; da flexibilidade (e inteligência) e que nos transmitem ensinamentos, assim os tomamos como referenciais para nossas decisões.

Considerações finais

Através da reflexão sobre a importância da linguagem na constituição do ser humano e essencial para sua relação com a vida, com o mundo e consigo mesmo, uma vez que concretiza o seu modo pensar, entendemos que a realidade está diretamente imbricada com o pensamento e a linguagem e com as relações que circundam a realidade cotidiana, envolvendo, também, os *amthal* presentes desde a antiguidade.

As narrativas apresentam a realidade, seja através da mimese, da verossimilhança, da ficção ou da fantasia - situações imaginárias que se integram na

história de vida de cada um, inerente ao reconhecimento de valores, solidariedade, alteridade, lições de vida que se perpetuam através dos livros.

Segundo Carrière (2004, p. 12) “(...) sem narrativa, e sem possibilidade de contar essa narrativa, não somos ou somos muito pouco. É como uma história, antes de tudo, é um movimento de um ponto a outro, que jamais deixa as coisas no seu estado inicial, vivemos nessa vazão, nessa mudança. Temos começo, meio e fim”, podem ser autênticos exemplos de vida, que nos abrem os olhos para realidade e para as decisões que temos que tomar, das escolhas que fazem parte da nossa existência, as quais necessitam de discernimento, do conhecimento e da razão para direcionar para o bem ou para o mal: “a reta razão aplicada ao bem agir”, denominada como “virtude da prudência”.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- AQUINO, T. **A Prudência. A virtude da decisão certa**. Trad. Jean Lauand. São Paulo: Martins Fontes, 2014.
- BARTHES, R. (at. al) **Análise Estrutural da Narrativa**. 2ed. Rio de Janeiro: Vozes, 1972.
- FORIN, J. L. (org.) **Introdução à Linguística I. Objetos teóricos**. São Paulo: Contexto, 2010;
- CARRIÈRE, J. C. **O círculo dos mentirosos**. Contos Filosóficos do Mundo Inteiro. São Paulo: Códex, 2004.
- CUNHA, A.; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 4ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2007.
- LAUAND, L. J. **Método e Linguagem no Pensamento de Josef Pieper**. (notas de conferência proferida no congresso internacional: “Josef Pieper e o pensamento contemporâneo”, Buenos Aires, agosto de 2004). Disponível em: <http://hottopos.com/videtur29/ljargport.htm> - acesso em 20/03/2015.
- _____. **O que é uma Universidade**. São Paulo: Perspectiva, 1987.
- _____. **Provérbios e Educação Moral**. – A filosofia de Tomás de Aquino e a Pegagogia Árabe do Mathal. São Paulo: Hottopos, 1997a.
- _____. **Interfaces – Estudos e Traduções**. São Paulo: Mandruvá, 1997b.
- _____. **Abordagens Filosóficas – Educação e Linguagem**. São Paulo: Factash Editora, 2015.
- _____. **Revelando a Linguagem**. 50 estudos na revista Língua Portuguesa (2005-2015). São Paulo: Factash Editora, 2016.
- LAUAND, L. J.; PINTO, J. A. S. **Contos, interpretação e educação**. In: LAUAND, L. J.; JOSGRILBERG, R. (orgs.). **Estudos em Antropologia, Religião e Educação**. São Paulo: Factash Editora – CEMOrOc EDF-FEUSP, 2015, pp.107-129.

LOHMANN, J. **Estruturas Linguísticas de Formas de Pensamento**. In: **Filosofia e Educação – textos e notas**. São Paulo/Porto: CEMOrOc – EDF_FEUSP, 2012 (pp. 33-58). Notandum Libro – 16, Série Especial da Revista Notandum, ISSN 1516-5477.

MARCONDES, D. **Textos básicos de linguagem**. De Platão a Foucault. 2ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

PIEPER, J. **O que é Filosofia?** São Paulo: Loyola, 2014.

PINTO, J. A . S. **Narrativas e Tecnologia: Desafios para a “Pedagogia da Admiração”**. Convent International 20 jan-abr 2016 Cemoroc-Feusp/IJI – Universidade do Porto. Disponível em: <http://hottopos.com/convent20/93-106Joice.pdf>.

Recebido para publicação em 11-03-16; aceito em 18-04-16